

aos poucos, recompondo a sua feição. Nisso se distinguiu particularmente Belmonte, cujo calunga *Juca Pato* buscava expressar o sentimento popular e cuja campanha contra o totalitarismo externo teve grande alcance⁽³²⁴⁾. O fechamento e expropriação pela violência do *Estado de São Paulo*, em 25 de março de 1940, e o aparecimento de jornais governistas apenas, como *A Manhã*, no Rio, em 1941, e *A Noite*, em S. Paulo, em 1942, dirigida aquela por Cassiano Ricardo e esta por Menotti del Picchia, ao lado do desaparecimento de jornais como *A Ofensiva*, em 1938, e *Correio da Noite*, em 1939, caracterizam a primeira fase. É ainda nessa fase que o Governo se preocupa com a sua propaganda, conseguindo lançar e manter revistas culturais, como *Planalto*, quinzenário paulista editado pelo Departamento Estadual de Imprensa, circulando de 15 de maio de 1939 a 1º de abril de 1942, ou como *Cultura Política* editada no Rio pelo DIP, sob a direção de Almir de Andrade. *A Manhã*, do Rio, e *A Noite*, de S. Paulo, pertenciam às Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, entre as quais estava ainda a mais poderosa emissora do país, a Rádio Nacional. Um dos poucos jornais de empresa particular lançados nessa fase foi o *Jornal da Manhã*, em S. Paulo, dirigido por José Carlos Pereira de Sousa, tendo Galeão Coutinho como redator principal.

Exemplo típico do clima em que vivia o país, nessa primeira fase da guerra, foi a prisão de Monteiro Lobato, que escrevera, a 5 de maio de 1940, carta a Vargas, a respeito da política do petróleo até então seguida pelo Governo. Quase um ano depois, a 20 de março de 1941, dois investigadores prenderam o escritor, no escritório da União Jornalística Brasileira. Lobato foi mantido incomunicável por vários dias, no presídio em que se misturavam presos comuns e presos políticos: “Eram espectros que se arrastavam, tontos, bobos, idiotizados — tantas foram as torturas que lhes infligiram no famoso e infame Gabinete. E entre os presos comuns tenho visto sinais horríveis... Não tem fim, Fernando, a lista de horrores... Muitos chegam e vão para a enfermaria — para morrer. Ora, não me consta que haja alguma lei autorizando a aplicação de torturas no Brasil. E se não há essa lei, então esses atos constituem monstruosos crimes da Polí-

(324) Benedito Bastos Barreto (1897-1947), conhecido como *Belmonte*, nasceu em São Paulo. Abandonou o curso de Medicina para dedicar-se inteiramente à caricatura: estreou aos quinze anos na revista *Rio Branco*, colaborou na *Careta*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana*, *O Cruzeiro*, do Rio, mas sua carreira foi, no essencial, feita na *Folha da Noite*, de São Paulo, para a qual trabalhou desde o início de sua circulação, em 1921, até a morte, em 9 de abril de 1947, e onde criou o calunga *Juca Pato*, com o qual conquistou a simpatia do povo que via nesse boneco “a sua própria figura, sofredora, inquieta, desesperada e esquecida”, destacando-se sua campanha antinazista, entre 1936 e 1946.